

POUCO IMPORTAVA

POR BEATRIZ ANTUNES*

Pouco importava que houvesse alguém por de trás de mais um daqueles gritos; percebi que só havia a tão já passeada mania de sofrer. Não era ninguém, não era alguém, mas gritava. Frente a frente comigo estava ela, enjoada de mim, mas ainda gulosa, me queria a ouvi-la. É bem possível que eu quisesse silenciar-la ainda mais uma vez, mas o interessante é que simplesmente sorri. Suas mãos um pouco sujas de lágrimas atuavam me apontando inutilmente, como se fôssemos mais do que nós duas ali. Ao seu gesto desconcertado de calor de repente, inferi apenas um susto; agora parecia haver alguém na minha frente.

O corpo de pedra dilacerada aproximava-se agora como se chovesse em sua cabeça quente. Aproximei-me um pouco, já sem sorrir e lhe toquei emocionada. O silêncio não era do mundo de fora e nós estávamos em completo repouso olhando profundamente palavras barradas no passado.

Incrivelmente fria estava aquela mulher e incrivelmente triste ficara eu $\frac{3}{4}$ finalmente a encontrara humana depois de meses. Passado o silêncio, passado o abraço longo que soava a terremoto de palpitações, ela me beijou.



Love, Love, Love/Andy Warhol

Entre suas mãos havia flores de ar, que me entregou toda menina e antes que eu as recusasse, jogou-as fora, como jogava suas palavras de carinho. Ela sabia, acredito que sim, o quanto me doía não saber aceitá-la e naquele dia, embora quisesse, não a aceitaria tampouco.

Mudou-se então para trás de mim numa calma quase natural e uma vez mais tateou-me naquele escuro que fazia. Não pude fitá-la mas senti, em meio a meu pânico imóvel, que ela desistira e agora era verdade.

Aquele toque foi uma solene comemoração, da qual somente um corpo livre participa, e imagino, ainda agora, a cor mais negra de seus olhos transmutando-se em pura luz.



***Beatriz Antunes** é filósofa formada na UNICAMP.